

Léon Denis

O Progresso

A scenic sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, casting a golden glow across the sky and reflecting on the water. A sailboat is visible on the left side of the water. In the background, there are silhouettes of mountains or hills. The overall atmosphere is peaceful and serene.

CAPÍTULO V – O progresso religioso

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

Índice

Assunto	Origem	Pagina
O Progresso Religioso	O Progresso	03
Em lembrança do aspecto religioso do Espiritismo	O Consolador	07
Religião e religiosos verdadeiros e racionais	O Consolador	09

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

O progresso – Léon Denis Capítulo V – O Progresso Religioso

Após ter lançado um rápido olhar sobre essas duas faces da questão do progresso: o problema político e o problema social, resta-nos examinar uma terceira face do assunto, que não é nem a menos delicada, nem a menos perigosa, isto é, a questão religiosa.

Aqui, mais do que nunca, devo esforçar-me para permanecer numa esfera elevada dos princípios, evitando descer para a arena onde se agitam as paixões furiosas e onde se entrecrocaram os interesses espezinhadados.

O que é a religião? E é preciso uma religião? A palavra religião vem do latim religare, que significa religar, unir.

Tomada no sentido exato da palavra, a religião deveria ser uma força, um elo que unisse os homens entre si e que os unisse também a um princípio superior das coisas.

Na alma humana existe um sentimento natural que a eleva acima de si mesma para um ideal de perfeição no qual se resumem essas potências morais denominadas o bem, a verdade e a justiça. Esse sentimento, quando está esclarecido pela ciência, quando é fortificado pela razão, quando tem por base essencial a liberdade de consciência, da consciência autônoma e responsável, é o mais nobre de quantos possamos conhecer.

Ele pode tornar-se um motor das maiores ações e é também uma das manifestações da lei sublime de progresso. Todavia, senhores, não é o que acontece entre as religiões que cobrem a superfície do mundo. E quando eu digo as religiões, pretendo falar das religiões sacerdotais.

O sentimento religioso, mantido e desenvolvido por elas, é baseado na liberdade de consciência, é motivo de progresso, é um liame para a humanidade?

Não! Vós sabeis que essas religiões se excluem mutuamente, combatendo-se e perseguindo-se quanto podem. Cada uma delas pretende ser a única verdadeira, a única legítima, e cada uma delas acusa as outras de erro ou impostura e as outras, por sua vez, lhe devolvem suas acusações e seus anátemas.

Entretanto essas religiões, tão hostis entre si, entendem-se todas num ponto: é quando se trata de oprimir o pensamento, de paralisar sua evolução secular, de combater o pensamento em suas aspirações, em seus esforços para o progresso. Todavia foram homens de progresso que as fundaram, espíritos sequiosos de justiça e apaixonados pelo bem que as estabeleceram. Eles se chamaram Cristo, Buda, Confúcio. Eles trabalharam e sofreram pela humanidade, porém, quando partiram, seus sucessores se apoderaram de suas idéias e as modificaram ao bel-prazer, fazendo delas um instrumento de servidão, de domínio; o culto e a fé ficaram como uma pedra sepulcral que as castas sacerdotais quiseram colocar sobre o pensamento e a liberdade. Porém, após séculos de silêncio e de morte, o pensamento, que não pôde morrer, despertou. Saiu do túmulo onde acreditaram tê-lo sepultado para sempre e eis que ele se ergue na luz, diante de velhas fórmulas, de dogmas obscuros, e chamando para si a humanidade inteira, ele lhe diz: Julga e sentencia entre nós.

Em matéria religiosa, o problema se coloca, em nosso país, entre o Catolicismo e o livre pensamento. O Cristianismo primitivo, saído do meio do povo e que combatia a aristocracia e o sacerdócio judeu, tinha começado pelo Comunismo, pela eleição dos padres, dos padres casados.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

O Catolicismo, continuador do Cristianismo, apresentou a infalibilidade papal e no Syllabus a declaração de princípios, cujo último artigo é este: “Anátema contra aqueles que pretendem que o pontífice romano deve se reconciliar com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna.”

Não me limitarei a examinar os dogmas e os ensinamentos do Catolicismo e cada um de vós pode dedicar-se a esse exame. Limitar-me-ei a fazer um paralelo no que nos ensina, de um lado, a religião católica e, de outro, a ciência apoiada na razão, a propósito de duas concepções essenciais que dominam toda a existência humana e toda a organização social, isto é, sobre a concepção do universo e da finalidade da vida.

As idéias que fazemos sobre a organização do universo, sobre o papel que cada um de nós deve desempenhar nesse vasto teatro do mundo, tais idéias, vós compreendeis, senhores, são de uma importância capital, porque é após elas que nós devemos dirigir todos os nossos atos. É consultando-as que assinalamos uma finalidade para a vida e marchamos para esse fim. É aí que está a base de toda a civilização; é essa concepção do mundo e da vida que inspira toda a organização e fornece ao corpo social sua direção e sua forma de governo.

Portanto daí resulta que, se tal idéia está de acordo com a verdade, as leis sociais estarão calcadas em leis naturais e a harmonia reinará no mundo; se essas idéias estiverem erradas e contrárias às leis do universo, daí decorrerão o caos, a esterilidade, a decrepitude.

Examinemos, então, a concepção do mundo como o Catolicismo nos revela e sobre a qual está estabelecida a sociedade monárquica, feudal e autoritária. O mundo, o universo, diz a Igreja, foi criado em seis dias e há sete ou oito mil anos, pela única vontade de Deus, que fez todas as coisas do nada.

Deus, diz o catecismo do Concílio de Trento, formou os céus. Enfeitou-os com o Sol, a Lua e outros astros, para servirem de sinais, distinguindo as estações e os dias, depois segue a enumeração da obra de cada um dos seis dias da criação, durante os quais Deus fez sair da terra, num momento espontâneo, os homens, as plantas e os animais. Assim, agradeceu um dia a Deus criar o mundo, porém Deus fica fora de sua obra como a obra está fora do obreiro.

Esse universo, tirado do nada, pode ser destruído, aniquilado e Deus o mantém e governa através do milagre.

O homem, pelo pecado original, está condenado ao sofrimento, ele não se pode salvar por si mesmo, nem merecer o céu sem o socorro da graça, isto é, do bel-prazer, e sempre diante dele, como uma ameaça terrível, aparece a perspectiva dos braseiros eternos. Assim, não há nenhuma idéia de lei, de ordem e de solidariedade. Nada além da vontade de Deus e do capricho do Todo Poderoso.

É sobre essas noções que o mundo viveu durante vinte séculos e é sobre esses fundamentos que se edificou a sociedade da Idade Média. No que concerne à estrutura do universo, São Tomás de Aquino acrescenta que a Terra, centro do universo, está imóvel, recoberta por uma abóbada sólida, firmamentum, dividida em várias camadas, que se engastam umas nas outras, e que os astros são como centelhas, cravos de ouro colocados nessa abóbada como ornamentos.

Vejamos, agora o que nos diz a ciência sobre esse mundo, sobre esse universo. A Terra é um globo de três mil léguas de diâmetro que gira sobre si mesma e gravita em torno do Sol. Em sua corrida rápida ela percorre trinta mil léguas por segundo. Estamos longe da imobilidade e esse globo não é o único nas profundezas do céu.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

De todos os lados há legiões de esferas, sóis incontáveis se movimentam nos abismos do espaço. Perto deles a Terra é um grão de areia, como um corpo mesquinho na família dos corpos celestes.

Entre os planetas que circulam em torno do Sol, um é setecentas vezes maior que a Terra (Saturno) e outro mil e quatrocentas vezes maior (Júpiter). Na superfície desses mundos o telescópio observa as mesmas aparências de vida existentes na Terra, havendo atmosferas carregadas de nuvens, continentes e mares. Distinguem-se cadeias de montanhas e acúmulos de neve e de gelo que cercam os pólos desses globos. Entretanto o olhar da ciência não pára por aí; ele sonda as regiões mais recuadas do céu e em nenhuma parte descobre os limites do universo ou uma abóbada sólida. Os limites recuam na medida em que a ciência avança, marcha, e o espaço se abre sempre mais prodigioso, mais insondável.

Todavia, por mais longe que a ciência lance seus olhares, por toda parte, por sobre todos os pontos dos céus, ela vê astros em quantidade infinita, isto é, mundos e mais mundos, terras, sóis, esferas dispersas aos milhões e formando grupos, famílias estelares, perto das quais a Terra e suas irmãs e nosso próprio Sol, apesar de suas mil e duzentas léguas de diâmetro, são como átomos, grãos de poeira perdidos na imensidade dos céus. No lugar de serem destinados a uma imobilidade eterna, todos esses mundos se agitam, se movem no seio das profundidades, gravitando uns em volta de outros e percorrendo milhares de léguas em sua corrida assustadora. Assim, por toda parte, o movimento, a vida se manifestando no espetáculo grandioso de uma criação que não começou, que jamais acabará, mas que prossegue numa transformação incessante, eterna, no seio de um espaço sem limites.

Se, do espetáculo desses mundos, lançarmos nossos olhares para a Terra, quantas coisas ela nos dirá. Embora pequeno, nosso planeta tem sua vida própria, sua função na imensa harmonia das esferas. Nas camadas superpostas que formam sua crosta, lemos sua história como nas folhas de um livro; seguimos, passo a passo, as fases de um desenvolvimento que durou, não seis dias, porém milhões de séculos, e vemos, não a marca de uma criação espontânea, mas de uma formação lenta, progressiva, submetida a leis imutáveis. Segundo essas leis, os mundos, como os seres, possuem seus períodos de juventude, de maturidade, de decrepitude, após os quais se dissolvem e desaparecem para dar lugar a novos astros. Quanto aos seres que os povoam, cada um deles, em vidas sucessivas e sempre renascentes, se eleva, de degrau em degrau, na escalada magnífica dos mundos, desde as formas mais rudimentares da vida até a plenitude da existência intelectual e moral.

AKI Dessa forma o trabalho e o progresso se tornam a lei suprema do mundo; o arbitrário e o milagre desaparecem. A criação se faz através do tempo, tempo de esforços contínuos, pelo trabalho de todos os seres, solidários uns com os outros e no proveito de cada um.

É assim que, no lugar de um universo criado do nada, governado pela fantasia e pela graça, no lugar de uma monarquia absoluta, a ciência nos apresenta, no infinito dos espaços e dos tempos, a imensa república dos mundos, governada por leis imutáveis, acima das quais plana essa Razão consciente, que se conhece, que se possui e que é Deus.

E agora eu vos pergunto: após ter visto, no espetáculo do mundo iluminado pela ciência, manifestarem-se por toda parte esses grandes princípios universais de ordem, solidariedade, trabalho e progresso, a sociedade moderna pode ainda aceitar esses conceitos do passado, esses sistemas ultrapassados que nos apresentam o milagre e a graça planando sem cessar acima de tudo?

Podemos acreditar ainda em Josué parando o Sol, numa palavra, em todas as lendas e superstições que alimentaram nossa infância? Não, o ideal se transforma e cresce, e diante da luz de um novo dia as sombras e os fantasmas do passado vão desaparecer. O sentimento religioso

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

não morrerá por isso, ele se tornará apenas mais racional e mais esclarecido. O próprio Cristo disse: “Um dia chegará em que o Pai não será mais adorado nem nos templos nem na montanha.”

É uma alusão à hora em que o pensamento humano, livre dos liames que o prendem, se elevará mais rápido em direção à verdade e à luz, para criar a religião do futuro, isto é, a religião natural, laica, que não terá necessidade de templos nem altares, na qual cada pai de família será o padre e no seio da qual se fundirão, como rios num oceano imenso, as crenças, as seitas que dividem e separam a humanidade.

Dirão, todavia, como será a moral, onde estará sua fonte, se não está mais nas religiões reveladas. A moral, responderei, está eternamente escrita na razão e na consciência do homem e não há necessidade dos ensinamentos dogmáticos para conhecer seu dever.

Escutai a voz interior que fala a cada um de nós, aos mais ignorantes como aos mais esclarecidos, dizendo-nos: Eleva-te pelo trabalho, pelo estudo e pela prática do bem. Eis aí a revelação por excelência e, bem melhor que os ensinamentos do dogma, é ela quem nos faz saber que nosso papel no mundo é trabalhar pelo nosso aperfeiçoamento e pelo da humanidade. Desenvolver nossas faculdades intelectuais e nossas qualidades morais; trabalhar para colocar na Terra o reino da justiça, da paz e da fraternidade, marchando juntos para esse fim distante, para esse ideal: a perfeição.

Eis a verdadeira religião e a única de acordo com as leis universais, a religião do progresso, a religião da humanidade!

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

Crônicas e Artigos

Nº 259 – 06/05/2012

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

I. O progresso Religioso

Em lembrança do aspecto religioso do Espiritismo

Veza por outra surgem polêmicas e discussões inúteis sobre o caráter religioso do Espiritismo, esquecidos os protagonistas de defesas exclusivas do aspecto científico em detrimento do aspecto religioso, da existência do tríplice aspecto da Doutrina Espírita, tão claro para os que estudam o Espiritismo. Verdadeiramente causaremos enorme prejuízo ao entendimento doutrinário dos postulados espíritas se desejarmos excluir ou mesmo marginalizar o fundamental aspecto da moral religiosa em nossos estudos, reflexões e esforços para divulgação do Espiritismo.

Kardec abordou a temática muitas vezes e Emmanuel, Espírito, entre outros autores, se postou firme em defesa do aspecto religioso de nossa incomparável Doutrina Espírita. Claro que ela tem embasamento científico, desdobramentos filosóficos e, não há, qualquer dúvida, suas inevitáveis consequências religiosas. Como negar isso?

No livro Emmanuel, do Espírito Emmanuel, na psicografia de Chico Xavier, e de edição da FEB, diz o nobre benfeitor em seu capítulo IV, com o significativo título A Base Religiosa:

“No futuro, viverá a humanidade fora desse ambiente de animosidade entre a ciência e a religião e julgo mesmo que em nenhuma civilização pode a primeira substituir a segunda. Uma e outra se completam no processo de evolução de todas as almas para o Criador. As suas aparentes antinomias, que derivam, na atualidade, da compreensão deficiente do homem, em face dos problemas transcendentais da vida, serão eliminadas, dentro do estudo, da análise e do raciocínio.

Destaco pequenos trechos do valioso capítulo e peço ao leitor consultá-lo na íntegra. Parece que estamos esquecidos de tão importantes reflexões. No subtítulo seguinte O Tóxico do Intelectualismo, pondera o autor espiritual:

“Nos tempos modernos, mentalidades existem que pugnam pelo desaparecimento das noções religiosas do coração dos homens, saturadas do cientificismo do século e trabalhadas por ideias excêntricas, sem perceberem as graves responsabilidades dos seus labores intelectuais, porquanto hão de colher o fruto amargo das **sementes que plantaram nas almas jovens e indecisas.**”

E prossegue no que podemos considerar autêntica advertência:

“Pede-se uma educação sem Deus, o aniquilamento da fé, o afastamento das esperanças numa outra vida, a morte da crença nos poderes de uma providência estranha aos homens. Essa tarefa é inútil. Os que se abalançam a sugerir semelhantes empresas podem ser dignos de respeito e admiração, quando se destacam por seus méritos científicos, mas assemelham-se a alguém que tivesse a fortuna de obter um oásis entre imensos desertos. Confortados e satisfeitos em sua felicidade ocasional, não veem as **caravanas inumeráveis de infelizes, cheias de sede e fome**, transitando sobre as areias ardentes.”

Claro, é fácil descartar o aspecto da moral religiosa, que inclui a fé – ainda que em diferentes manifestações na cultura popular – quando estamos satisfeitos materialmente. E pondera nos tópicos seguintes, que peço ao leitor consultar na íntegra, face à clareza de suas expressões:

“O sentimento religioso é a base de todas as civilizações. Preconiza-se uma educação pela inteligência, concedendo-se liberdade aos impulsos naturais do homem. A experiência fracassaria.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

É ocioso acrescentar que me refiro aqui à **moral religiosa, que deverá inspirar a formação do caráter e do instituto da família** e não ao sectarismo do círculo estreito das igrejas terrestres, que costumam envenenar, aí no mundo, o ambiente das escolas públicas, onde deverá prevalecer sempre o mais largo critério de liberdade do pensamento.”

Sobre a falibilidade humana, diz o conhecido Espírito:

“Em cada século o progresso científico renova a sua concepção acerca dos mais importantes problemas da vida. Raramente os verdadeiros sábios são compreendidos por seus contemporâneos. Se as contradições dos estudiosos são o sinal de que a Ciência evolui sempre, elas atestam, igualmente, a fraqueza e inconsistência dos seus conhecimentos e a falibilidade humana”.

E conclui com farto material para nossa reflexão:

“Diz-se que o pensamento religioso é uma ilusão. Tal afirmativa carece de fundamento. Nenhuma teoria científica, nenhum sistema político, nenhum programa de reeducação pode roubar do mundo a ideia de Deus e da imortalidade do ser, inatas no coração dos homens. A religião viverá entre as criaturas, instruindo e consolando, **como um sublime legado**. O que se faz preciso, em vossa época, é estabelecer a diferença entre religião e religiões. **A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador**. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios.”

Mas busquemos Kardec. É na Conclusão de O Livro dos Espíritos, item V, que afirma o Codificador em meio a importantes considerações: “O Espiritismo é forte porque ele se apoia sobre as próprias bases da Religião.” E no item VII, comentando os efeitos sobre os que compreendem o Espiritismo, comenta com muita propriedade: “O primeiro, e o mais geral, é desenvolver o sentimento religioso.”

Não é preciso continuar. Tais transcrições desdobram estudos amplos e oportunidades valiosas de raciocínio, entre outras tantas disponíveis no pensamento de Kardec e no ensino dos Espíritos. É verdade que a palavra religião sofreu desgastes, mas isso não invalida, de forma alguma, sua extrema utilidade na vida humana, os benefícios que espalha, as lúcidas orientações que oferece a tanta gente, independente de crença. Como vamos desprezar isso, como desconsiderar aspecto tão genuíno, tão marcante na própria índole do Espiritismo? Afinal, o próprio Kardec afirmou na Revista Espírita, de dezembro de 1868, que “A caridade é a alma do Espiritismo”. Caridade que também é ciência e filosofia, mas essencialmente é originária da moral religiosa.

Estamos perdendo muito tempo com discussões inúteis, que só desviam de foco a proposta viva de renovação moral trazida pelo Espiritismo. Ninguém deverá desprezar a Ciência, como o próprio Kardec propôs, mas igualmente não deveremos desprezar a Religião e a Filosofia, aspectos inseparáveis do magnífico Pentateuco Espírita.

Será muito oportuno, para o tema, retermos a Conclusão de O Livro dos Espíritos, na íntegra, e com a devida atenção que o assunto requer.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

Crônicas e Artigos

Nº 41 – 03/02/2008

O Consolador – (Rogério Coelho)

I. O progresso Religioso

Religião e religiosos verdadeiros e racionais

“O Evangelho segundo o Espiritismo derroca os fundamentos do edifício que abrigava o clero há dezoito séculos.” - Erasto

Sempre obedientes aos Planos Divinos, os Espíritos só desvelaram o aspecto religioso do Espiritismo quando ele já estava científica e filosoficamente sedimentado. Tal se deu com o advento do terceiro livro básico: “O Evangelho segundo o Espiritismo” no ano de 1864. Portanto, a frase de Erasto, em epígrafe, bem poderia ter sido o título em caixa alta de chamada de matéria jornalística na primeira página de qualquer jornal escrito 140 anos atrás.

Como a nova formatação religiosa apresentada pelo Espiritismo iria, evidentemente, acirrar os ânimos dos “religiosos” tradicionais, Allan Kardec perguntou ao Espírito de Verdade (“Obras Póstumas”, pg. 311): “Que dirá o clero?”

E a resposta não se fez esperar: “O clero gritará: heresia!!!... Porque verá que atacas decisivamente as Penas Eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia a sua influência e o seu crédito. Gritará tanto mais, quanto se sentirá muito mais ferido do que com a publicação de O Livro dos Espíritos, cujos dados principais, a rigor, poderia aceitar. Agora, porém, tu entraste por um novo caminho, no qual não poderá ele acompanhar-te. O anátema secreto se tornará oficial e os espíritas serão repelidos, como o foram os judeus e os pagãos, pela Igreja Romana. Em compensação, os espíritas verão aumentar-se-lhes o número, em virtude dessa espécie de perseguição, sobretudo com o qualificarem, os padres, de demoníaca uma Doutrina cuja moralidade esplenderá como um raio de Sol pela publicação mesma do teu novo livro e dos que se seguirão.

“Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual Ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira Doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do Céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana. Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques. Entretanto, amigo, se a tua coragem ainda não desfaleceu sob a tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo que foste feliz até o presente, mas que é chegada a hora das dificuldades... Sim, caro Mestre, prepara-se a grande batalha; o fanatismo e a intolerância, exacerbados pelo bom êxito da tua propaganda, vão atacar-te e aos teus com armas envenenadas. Prepara-te para a luta... Tenho, porém, fé em ti, como tu tens fé em nós, e sei que a tua fé é das que transportam montanhas e fazem caminhar por sobre as águas. Coragem, pois, e que a tua obra se complete. Conta conosco e conta sobretudo com a grande alma do Mestre de todos nós, que te protege de modo muito particular.

A reação do Clero contra o Espiritismo

“É chegada a hora em que a Igreja tem de prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira por que pratica os ensinamentos do Cristo, do uso que fez da sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade a que levou os Espíritos. A hora é vinda em que ela tem de dar a César o que é de César e de assumir a responsabilidade de todos os seus atos. Deus a julgou e a reconheceu inapta, daqui por diante, para a missão de progresso que incumbe a toda autoridade espiritual.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

“Somente por meio de uma transformação absoluta lhe seria possível viver; mas, resignar-se-á ela a essa transformação?! Não, pois que, então, já não seria a Igreja; para assimilar as Verdades e as descobertas da Ciência, teria de renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamentos; para volver à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, teria de renunciar ao poder, à dominação, de trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e a humildade, apostólicas. Ela se acha nesta alternativa: ou se suicida, transformando-se; ou sucumbe nas garras do progresso, se permanecer estacionária.

“Aliás, Roma já se mostra cheia de ansiedade e na Cidade Eterna se sabe, por inegáveis revelações, que a Doutrina Espírita causará dor viva ao papado, porque na Itália se prepara rigorosamente o cisma. Não é, pois, de espantar o encarniçamento com que o clero se lança ao combate contra o Espiritismo, impelido pelo instinto de conservação. Ele, porém, já verificou que suas armas se embotam contra essa potência que surge, seus argumentos não têm podido resistir à lógica inflexível; só lhe resta o demônio, mísero auxiliar seu no século XIX. Ao demais, a luta está aberta entre a Igreja e o progresso, mais do que entre ela e o Espiritismo. Ela é batida em toda a linha do progresso geral das idéias e sucumbirá sob os seus golpes, como tudo quanto sai fora do seu nível. A marcha rápida das coisas há de fazer-vos pressentir que o desenlace não demorará muito tempo. A própria Igreja parece compelida fatalmente a precipitá-lo”.

A religião cristã vista pelo Espiritismo

As religiões de antanho fundamentaram o edifício religioso no “sobrenatural”. Ora, nós aprendemos com o ínclito e insuperável Mestre Lionês (Kardec, “A Gênese”, capítulo XIII, itens 18 e 19):

“Pretender-se que o sobrenatural é o fundamento de toda religião, que ele é o fecho de abóbada do edifício cristão, é sustentar perigosa tese. Assentar exclusivamente as verdades do Cristianismo sobre a base do maravilhoso é dar-lhe fraco alicerce, cujas pedras facilmente se soltam. Essa tese, de que se constituíram defensores eminentes teólogos, leva direito à conclusão de que, em breve tempo, já não haverá religião possível, nem mesmo a cristã, desde que se chegue a demonstrar que é natural o que se considerava sobrenatural, visto que, por mais que se acumulem argumentos, não se logrará sustentar a crença de que um fato é miraculoso, depois de se haver provado que não o é. Ora, a prova existe de que um fato não constitui exceção às leis naturais, logo, que pode ser explicado por essas mesmas leis e que, podendo reproduzir-se por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. O de que necessitam as religiões não é do sobrenatural, mas do princípio espiritual, que erradamente costumam confundir com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

“O Espiritismo considera de um ponto mais elevado a religião cristã; dá-lhe base mais sólida do que a dos milagres: as imutáveis leis de Deus, a que obedecem assim o princípio espiritual como o princípio material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, pois que o tempo e a Ciência virão sancioná-la.

“Deus não se torna menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento, do nosso respeito, por não haver derogado Suas leis, grandiosas, sobretudo, pela imutabilidade que as caracteriza. Não se faz mister o sobrenatural, para que se preste a Deus o culto que Lhe é devido. A Natureza não é de si mesma tão imponente que dispense se Lhe acrescente seja o que for para provar a suprema potestade? Tanto menos incrédulos topará a religião, quanto mais a razão a sancionar em todos os pontos. O Cristianismo nada tem que perder com semelhante sanção; ao contrário, só tem que ganhar. Se alguma coisa o há prejudicado na opinião de muitas pessoas, foi precisamente o abuso do sobrenatural e do maravilhoso.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO V)

A origem do mal nada tem que ver com Deus

“Querem dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito uma idéia do poder de Deus? Mostrem-no na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, de acordo com o meio onde ele é posto a viver. Mostrem-lhes a ação de Deus na vergôntea de um arbusto, na flor que desabrocha, no Sol que tudo vivifica. Mostrem-lhes a sua bondade na solicitude que dispensa a todas as criaturas, por mais ínfimas que sejam, a Sua providência, na razão de ser de todas as coisas, entre as quais nenhuma inútil se conta, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam-lhes compreender, principalmente, que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem espavori-los com o quadro das penas eternas, em que acabam não mais crendo e que os levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem-lhes coragem, mediante a certeza de poderem um dia redimir-se e reparar o mal que hajam praticado. Apontem-lhes as descobertas da Ciência como revelações das leis divinas e não como obras de Satanás. Ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza, constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável, em cada uma de cujas páginas se acham inscritas a sabedoria e a bondade do Criador. Eles, então, compreenderão que um Ser tão grande, que com tudo se ocupa, que por tudo vela, que tudo prevê, forçosamente dispõe do poder supremo. Vê-lo á o lavrador, ao sulcar o seu campo; e o desditoso, nas suas aflições, o bendirá dizendo: Se sou infeliz, é por culpa minha. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo, muito mais do que acreditando em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas”.

Sem a luz da razão, desfalece a fé

A partir, portanto, da publicação do terceiro livro da codificação Espírita, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, foram novamente reavivados os contornos do Paleocristianismo, isto é, voltaram à plena luz do dia e da razão os peregrinos revérberos do Cristianismo revertido à sua origem, devolvido à sua primitiva pureza e pulcritude, levando a um irremediável sucateamento toda a estrutura religiosa medieval erguida sobre os pilotes da ignorância, do barão e cutelo, estratificada no modelo cultural dos dogmas inverossímeis. Tais deformidades doutrinárias perenizadas pelos religiosos de antanho deram origem a outro desenho estrutural das idéias cristãs.

Hodiernamente (1), numa análise comparada, vamos observar que o perfil do desenho estrutural do Espiritismo se amolda perfeitamente ao Paleocristianismo. O mesmo já não se pode constatar com relação ao perfil da Igreja de Roma e ao das inúmeras igrejas ditas evangélicas, que mais valorizam os dízimos e as artimanhas de Satanás, mantendo seus profítes (2) na mais santa paralisia cerebral e ignorância.

Daí a gritaria e os anátemas encolerizados do clero e dos protestantes ao surgir no proscênio terrestre “O Evangelho segundo o Espiritismo”, que espanca as trevas d’alma, apontando o caminho alforriador, e consolidando não só a formatação religiosa do Espiritismo, mas ensejando uma irresistível ação demolidora que implodiu os ancilosados e absurdos dogmas medievais.

Após o advento de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, religião e religiosos verdadeiros e racionais só o são aqueles que se lhes amoldam ao perfil, uma vez que “sem a luz da razão, desfalece a fé”.

(1) Hodiernamente: Em relação ao tempo de hoje, ao tempo recente; hoje em dia; no tempo de agora.

(2) Profítes: Que ensina alguma doutrina, seita ou religião.